

Diálogo com a Unicamp sobre o novo desenvolvimentismo

De Bresser-Pereira para Fernando Sarti, diretor do Instituto de Economia da Unicamp

13.9.2012

Meus amigos desenvolvimentistas do Instituto de Economia da Unicamp, temos estado perto nos últimos anos, recebi convites de vocês, visito-os com frequência, e já há alguns anos tive oportunidade de apresentar os primeiros resultados dos estudos que venho fazendo sobre o novo desenvolvimentismo e a macroeconomia estruturalista do desenvolvimento, mas não conseguimos estabelecer um verdadeiro diálogo. E no entanto sabemos como o desenvolvimentismo é importante para o Brasil.

Aos 20 anos, quando descobri Ignácio Rangel, Guerreiro Ramos, Hélio Jaguaribe, e, logo depois, Celso Furtado, mudei minha visão do Brasil tornando-me desenvolvimentista. O Brasil, o mundo e eu mudamos nestes quase 60 anos, mas minha convicção que o desenvolvimento ou o progresso só é alcançável quando um povo se une sob a forma de nação e define uma estratégia de desenvolvimento não mudou. A Unicamp é o centro mais importante do pensamento desenvolvimentista brasileiro desde que o Instituto de Economia foi formado em 1968. Nos anos 1990 o desenvolvimentismo foi proscrito da universidade brasileira pelo neoliberalismo triunfante que o identificou com o atraso. A crítica ao neoliberalismo e à financeirização no Brasil foi então liderada pela Unicamp e por seu mais reconhecido economista, Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo.

No início da década seguinte, diante do fracasso esperado do neoliberalismo, coube a mim retomar o tema e propor o novo desenvolvimentismo, opondo-o à ortodoxia neoliberal. As novas ideias repercutiram no Brasil e no exterior; um número importante de economistas e cientistas políticos das mais variadas tradições intelectuais – keynesianos, estruturalistas, marxistas –, mas todos desenvolvimentistas, somaram-se ao esforço de análise das novas propostas, que refletiam uma nova realidade econômica e política. O Estado desenvolvimentista que sobrevivera e se renovara nos países dinâmicos da Ásia agora ressurgia na América Latina, particularmente na Argentina e no Brasil. Existe uma massa de pesquisas e pesquisadores importante sobre o desenvolvimentismo na Unicamp. Eu quero estar junto com eles, ser um membro mais velho do grupo, e com eles entender e debater as novas realidades e para onde elas apontam.

Como é do meu feitio, estou envolvido pessoalmente na nova luta teórica e ideológica. Escrevi trabalhos, comecei a propor uma macroeconomia estruturalista do desenvolvimento, organizei seminários e conferências para os quais contei com a participação de economistas da Unicamp, e aprovamos juntos, em 2010, as *Ten Theses on New Developmentalism*, subscritas originalmente por

80 importantes economistas e cientistas políticos de todo o mundo. Um website foi criado para elas. Como acontecera com o antigo desenvolvimentismo no passado, aos poucos o novo desenvolvimentismo deixava de ser apenas um conjunto de propostas. Assumia o papel e uma estratégia nacional de desenvolvimento, de ideologia de uma nova coalizão de classes voltada para a construção de um Estado desenvolvimentista e social no Brasil.

Podíamos e podemos, naturalmente, pensá-lo sem o adjetivo “novo”, mas se o fizéssemos não reconheceríamos o novo que existe no Brasil e no mundo. As pessoas se interessaram pelo novo desenvolvimentismo porque perceberam que a ideia de um desenvolvimento econômico e social continuava forte e necessária, mas que diante das novas realidades – diante dos fatos de o Brasil não ser mais um país que iniciava sua industrialização, mas um país de renda média, e que o mundo rico deixara de ser o da divisão internacional do trabalho entre países industriais e agrícolas para ser o mundo da globalização e da financeirização, era preciso um novo pensamento estruturalista e desenvolvimentista.

Pensado nessa dimensão e a partir dessa perspectiva histórica, o novo desenvolvimentismo não tem donos. No plano político, une todos os cidadãos empenhados em construir um Estado desenvolvimentista e social; no plano intelectual, todos aqueles que pensam historicamente, na linha de Marx, Keynes, Kalecki e da escola estruturalista do desenvolvimento; une todos os que se opõem ao liberalismo econômico e, sem prejuízo da função coordenadora do mercado, defendem um papel estratégico para o Estado no desenvolvimento econômico e social. Desenvolvimento que é também social, porque a democracia e as convicções de esquerda dos desenvolvimentistas exigem que a justiça social se some ao bem-estar econômico.

O novo desenvolvimentismo é uma moldura aberta onde não há ortodoxias de qualquer espécie. Onde há espaço para diferenças e divergências e, portanto, para o debate enriquecedor do pensamento. O debate, por exemplo, sobre se a estratégia deve ser *wage-led* ou *export-led*. Acho essa alternativa mal definida e equivocada. O coeficiente de importações de uma economia nacional pode diminuir ou aumentar apenas em períodos limitados; normalmente o PIB cresce à mesma taxa que as exportações, e, por isso, o desenvolvimento deve ser equilibrado, mas com frequência os salários crescem menos que a produtividade, e isto cria problemas de demanda interna que devem ser resolvidos pelo aumento dos salários. Já em relação à demanda externa, o problema é assegurar às empresas nacionais competentes o acesso a ela – o que depende de uma taxa de câmbio competitiva. A mudança para esse equilíbrio competitivo estimulará os investimentos, o crescimento das exportações de manufaturados e o crescimento do PIB. Por um breve momento, o coeficiente de exportações aumentará, e as exportações aumentarão mais dos que os salários. Mas logo será necessário e inevitável se voltar ao desenvolvimento equilibrado de salários e lucros, de mercado interno e exportações. Este, como muitos outros, é um bom tema para debatermos.

No entanto, nas últimas semanas ouvi de alguns amigos da Unicamp que o novo desenvolvimentismo “é do Bresser”, que é algo que é preciso aceitar ou rejeitar na íntegra, e, portanto, que era inaceitável. É difícil para mim compreender essa

posição, mas talvez ela explique duas outras coisas: o silêncio da Unicamp em relação ao novo desenvolvimentismo, um silêncio que se estendeu para a Rede Desenvolvimentista que, em boa hora, Ricardo Carneiro iniciou no segundo semestre de 2011 e em maio deste ano teve seu primeiro seminário. Participei dos dois eventos, mas neles, nem uma palavra sobre o novo desenvolvimentismo, sequer um comentário sobre o que eu disse então. É como se, para vocês, meus amigos da Unicamp, o novo desenvolvimentismo não existisse.

Será isto uma boa coisa para a luta maior – a luta do desenvolvimentismo contra o liberalismo dependente e o imperialismo? Não creio. Ignorar o novo desenvolvimentismo não lhe roubará seu vigor, mas o privará de debatedores importantes. Precisamos do debate no nosso campo, do diálogo interno e esclarecedor. Precisamos de novas ideias e de novas pesquisas. Como precisamos de uma visão e de uma bandeira comuns. Porque nosso objetivo não é apenas acadêmico; é maior; é o de construir um Estado republicano e desenvolvimentista, um Estado democrático e capaz, que seja o instrumento maior da realização de nossos objetivos comuns de liberdade, bem-estar econômico e redução das desigualdades. Esta carta é meu convite ao diálogo.

Resposta de Fernando Sarti, diretor do Instituto de Economia

13.9.2012

Caro Prof. Bresser

Gostaríamos antes de mais nada de ressaltar nossa mais profunda admiração pelo profissional, intelectual e homem público que o Senhor representa e que tão bem dignifica a academia brasileira.

Reconhecemos e agradecemos também as inestimáveis colaborações que o Senhor tem dado ao IE nos últimos anos, participando de nossas bancas de doutorado, nossos seminários nacionais e internacionais e comissões julgadoras de prêmios (Prêmio Zeferino Vaz). Isso sem contar sua vasta contribuição acadêmica na área do Desenvolvimento e da Macroeconomia divulgada em artigos, revistas e livros, que está incorporada na bibliografia de nossos cursos de graduação e pós-graduação e amplamente citada e utilizada em nossa produção acadêmica.

Nesse sentido, nos permitimos discordar de sua afirmação na Carta aos Amigos da Unicamp que a temática do Novo Desenvolvimentismo não tenha recebido a devida atenção dos professores e pesquisadores do IE-Unicamp. O que existem sim, e é desejável que existam, são eventuais divergências e discordâncias conceituais, que não nos impedem de estarmos do mesmo lado no debate acadêmico e político contra o liberalismo econômico.

Assim como o Senhor, acreditamos que a construção e divulgação do conhecimento, sobretudo em uma temática tão ampla, complexa e importante como o Desenvolvimento, é uma obra coletiva, que possui sim lideranças acadêmicas e intelectuais, mas não proprietários ou donos.

Por fim, gostaríamos de tranquiliza-lo que o IE e seu corpo de professores e pesquisadores permanecem sempre abertos ao diálogo e ao bom debate.

Saudações acadêmicas

Prof. Fernando Sarti

Agradecimento de Bresser-Pereira

12.9.2012

Caro Fernando,

Muito obrigado pelo seu e-mail tão amável. De acordo, vamos continuar a trabalhar e a pensar juntos, com liberdade e capacidade crítica.

Um abraço cordial, Bresser.

Reposta de André Biancarelli, Diretor da Rede Desenvolvimentista

17.9.2012

Meu caro prof. Bresser,

Te escrevo, com certo atraso, sobre a carta enviada aos professores do IE/Unicamp. Não consegui fazê-lo antes pois estava na semana passada em uma banca de concurso fora de Campinas.

Sei que alguns colegas meus já te responderam, e faço minhas as palavras do Fernando Sarti, do Fernando Nogueira e do Antônio Carlos Macedo, sobre a total disposição ao diálogo e o reconhecimento do senhor como figura central nas discussões sobre o desenvolvimento.

Mas achei que eu deveria acrescentar algumas coisas, na condição de i) editor da revista Economia e Sociedade e ii) coordenador-executivo da Rede Desenvolvimentista (com a ida de Ricardo Carneiro para Washington, coube a mim coordenar uma comissão que tocará a Rede, formada ainda por Ricardo Bielschowsky, Pedro Dutra Fonseca, Alexandre Barbosa e André Calixtre).

Sobre a revista, o senhor sabe da importância que a temática do desenvolvimento sempre teve no nosso escopo editorial - o que também é verdade para a Revista de Economia Política e não muitas outras na nossa complexa área da economia. Ela segue sendo um espaço privilegiado de discussão, rigorosa e acadêmica, dos temas do novo-desenvolvimentismo, mesmo que não venha identificado com esse rótulo. Não por acaso, o tema da edição especial de 20 anos foi justamente esse: a retomada do debate sobre o modelo de desenvolvimento brasileiro e as diferentes percepções sobre isso. O número está quase fechado, e além de seu texto com Daniela Linke, teremos vários outros debatendo diretamente as ideias novo-desenvolvimentistas, além de temáticas específicas (a indústria, a dimensão social, o financiamento) e

paralelos históricos. Ou seja, respeitando os procedimentos editoriais de praxe (infelizmente nem sempre muito agradáveis), Economia e Sociedade certamente está entre os veículos de discussão e propagação das ideias que nos aproximam.

Já em relação à Rede, pretendemos mantê-la como espaço de contato, discussão e produção de conhecimento por parte de economistas alinhados com as grandes ideias desenvolvimentistas, em várias das suas dimensões e vertentes. O conjunto de ideias e proposições que têm sido agrupadas sob o rótulo "Novo Desenvolvimentismo" é parte muito importante desse debate, ainda que haja discordâncias quanto a alguns pontos. O que não é necessariamente um problema: o objetivo da Rede não é necessariamente formar consensos totais, e sim uma convergência geral de ideias em favor do desenvolvimento do país e contrária à delegação desta tarefa às forças de mercado. Neste aspecto, permita-me discordar quando o senhor afirma que não houve qualquer reação ou discussão de suas ideias, apresentadas nos dois seminários já realizados: além de importante membro do conselho, tuas intervenções são (e espero que continuem sendo) bastante relevantes para as discussões da Rede, geradoras de polêmica como têm que ser, e fomentadoras do debate e do avanço de nossos diagnósticos e proposições. Estamos, inclusive, colocando nesta semana no site da Rede (www.reded.net.br) todos os vídeos dos dois seminários. Em suma, não apenas pessoalmente mas institucionalmente (em nome da Economia e Sociedade e da Rede Desenvolvimentista), reajo positivamente ao teu chamado ao diálogo com o IE/Unicamp. Apesar de alguns pontos de divergência, saudáveis e importantes, quanto às teses que o senhor tem propagado com afinco nos últimos tempos, tenho certeza que estamos todos no mesmo barco, remando na mesma direção.

Saudações, André Martins Biancareli

Agradecimento de Bresser-Pereira
20.9.2012

Caro André,

Muito obrigado pela tão amável resposta à minha carta. O pensamento que vinha da Cepal há muito já deixou de produzir frutos. É hoje mera e bela memória. Mas o estruturalismo e o desenvolvimentismo estão renascendo impulsionados pelo fracasso do liberalismo econômico radical que foi o neoliberalismo e a teoria econômica neoclássica. E, no Brasil, eu creio que está surgindo uma escola brasileira estruturalista e desenvolvimentista adaptada ao estágio mais avançado da economia brasileira e aos desafios do capitalismo global. Para isso, não há nada mais importante do que esse diálogo que a Rede Desenvolvimentista se dispõe a realizar. Fico feliz em trabalharmos juntos.

Bresser.